

CELSON MING

celso.ming@grupoestado.com.br



O Brasil tem classe média

Em 1979, quando chegou ao Recife de volta do exílio, o economista Celso Furtado se espantou com o grande número de fuscas estacionadas ao longo da Praia da Boa Viagem: “Quer dizer que o Brasil já tem uma classe média?”, perguntou.

E é mais ou menos isso que o governo Lula está descobrindo. Os estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostram, um tanto surpreendentemente, que a política econômica, antes considerada em certos meios como neoliberal, excludente e jogo dos banqueiros, está reduzindo a pobreza e engrossando a classe média. De 2002 até o fim deste ano, a pobreza nas grandes capitais terá baixado de 32,9% para 24,1% da

população, concluiu o Ipea. A FGV verificou que em cinco anos (2002 a 2006, inclusive) as famílias de classe média passaram de 44,2% para 51,9% da população.

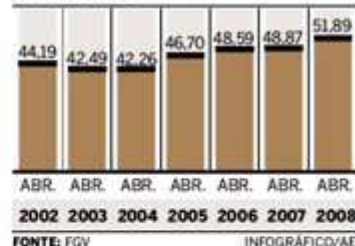
Os economistas do Ipea não escondem certo viés sectário quando traçam uns riscos estatísticos para delimitar partidariamente os campos e dizem que tudo teve início em 2003, com o governo Lula. O processo de redução da pobreza começou lá atrás, até mesmo no governo militar, e se acentuou quando a superinflação foi derrotada, em 1994, importando aí menos quem estivesse ao manche da aeronave.

Boa pergunta está em saber o que determina o que seja classe média. Nesse campo, há conceitos para todos os gostos. Para a FGV, é a família com renda mensal entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591.

CADA VEZ MAIS FORTE

Participação da classe média no total da população

EM PORCENTAGEM



FONTE: FGV

INFOGRÁFICO/AE

O leitor Sérgio Mourão observa que o Dieese, organismo sustentado pelos sindicatos, mantém uma pesquisa mensal sobre o que teria de ser o salário mínimo para assegurar apenas o sustento do trabalhador, da mão para a boca. O Dieese se baseia na cesta básica definida pela lei que instituiu o salário mínimo em

1940. Apoiado nesse critério, garante que não poderia ser inferior a R\$ 2.072,70. E, no entanto, tanto o Ipea como a FGV classificam como classe média (e não como classe baixa) quem ganha metade disso. Qual é, senhor?

Uma das explicações para a distorção é o que ocorreu no mercado de trabalho. Nos anos 40, quase não havia mulher que ganhasse a vida fora de casa. Não são precisos mais do que os dedos das mãos para contar as profissões a que uma mulher seria poderia se atrever: professora, enfermeira, telefonista, parteira, costureira, secretária, pianista, atriz (sabe-se lá...) – e já fica difícil enumerar mais.

Em outras palavras, o orçamento doméstico, antes garantido apenas pelos ganhos do chefe da família, foi engrossado pelo

salário da mulher. Hoje, quando alguém procura financiamento habitacional, o banco pede não mais a renda pessoal, mas a da família. E isso muda muita coisa, inclusive a utilidade prática do conceito vendido pelo Dieese.

De qualquer forma, não dá para negar que a classe média cresce não só no Brasil, mas no mundo. E, como já foi adiantado nesta coluna há dez dias (*A classe média muda o jogo*), esse fenômeno produz impactos sociais, culturais, econômicos e políticos. O principal impacto político é o de que, sempre que se sentir ameaçada, a classe média reagirá conservadoramente. Não quer arriscar-se a perder o que obteve com tanto sacrifício. E isso também tem consequência. ●

Confira

Encolhimento – A principal conclusão da conferência feita ontem pelo economista Kenneth Rogoff no Instituto Fernando Henrique Cardoso é a de que a economia mundial precisa crescer menos para enfrentar a escassez de commodities.

...
Isso sugere que, apesar da redução do crescimento global, os preços das commodities, embora mais baixos, continuarão historicamente elevados, o que é bom para o Brasil.

...
Aumento da produtividade é, para Rogoff, o fator que vai impedir o estouro da inflação. E aí vai ajudar o maior emprego no mundo de tecnologia da informação.